

CONSTRUCIONALIZAÇÃO DE UM MONTE DE SN: UMA ABORDAGEM CENTRADA NO USO

Nuciene Caroline Amphilóphio Fumaux¹

Karen Sampaio Braga Alonso²

Maria Maura Cezario³

RESUMO: Este trabalho possui como objetivo descrever a formação da construção *Um monte de SN* (com sentido quantitativo, como em *um monte de gente*) ao longo da história do português. Acreditamos que esta construção tenha se originado de uma construção binominal, de cunho qualitativo – que, de acordo com Traugott & Trousdale (2013) teria sofrido mudanças construcionais e acarretado a formação de um novo pareamento forma-sentido, uma nova construção (construcionalização). Sob a perspectiva dos Modelos Baseados no Uso, pretendemos, então, analisar como se desencadearam essas mudanças linguísticas e, para tanto, pretendemos discorrer sobre as análises feitas a partir de fatores primordiais como composicionalidade, esquematicidade, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: *Um monte de SN*. Construcionalização. Modelos Baseados no Uso. Gramática de construções.

ABSTRACT: The aim of this work is to describe the formation of the Portuguese construction *um monte de SN* (which means *a lot of SN*) from a diachronically perspective of linguistic analyses. We believe that the mentioned quantitative construction is historically related to a binominal qualitative one. So, some usages of qualitative construction undergo micro changes over the centuries, and consequently a new form-meaning pairing arises – named as constructionalization, in terms of Traugott & Trousdale (2013). From the Usage-based Models of Language point of view, we intent to analyze the micro-steps of changes, based on primordial criteria as compositionality, schematicity etc.

KEYWORDS: *Um monte de SN*. Constructionalization. Usage-based Models of Language. Construction Grammar.

¹ Aluna de mestrado do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFRJ. Universidade Federal do Rio de Janeiro. UFRJ. Rio de Janeiro- RJ. Brasil. E-mail: carol.fumaux@gmail.com.

² Departamento de Linguística e Filologia da Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro. UFRJ. Rio de Janeiro- RJ. Brasil. E-mail: karensampaio@letras.ufrj.br.

³ Departamento de Linguística e Filologia da Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro. UFRJ. Rio de Janeiro- RJ. Brasil. E-mail: mmcezario@gmail.com.

Introdução

Este artigo apresenta uma análise acerca da formação da construção quantificadora *um monte de SN* ao longo da história do português, a partir da perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso. O exemplo a seguir ilustra uma ocorrência dessa construção:

(1) “parte do café eles demoram um briga com o outro a divisão tem que ser absolutamente exata - porque se um tiver mais do que o outro sai *um monte de briga* na realidade não acabam tomando tudo não comendo tudo que tem”(CORPUS DO PORTUGUÊS, séc. XX).

Para realizar a análise proposta, partimos do entendimento de que a língua é uma rede de construções e, assim, tomamos algumas premissas básicas mais ou menos consensuais dentre os diferentes modelos de gramática de construções, a partir das quais se pensará a mudança linguística – cujo tratamento está ancorado no modelo apresentado por Traugott & Trousdale (2013).

- (i) A construção, que é um pareamento de forma e significado, é a unidade básica da gramática.
- (ii) A língua é uma rede de nós e ligações entre nós.
- (iii) A estrutura da língua é moldada pelo uso.

Tendo em vista a arquitetura da gramática que se toma teoricamente, o trabalho parte da hipótese de que *um monte de SN* é uma construção no português, por ser um pareamento de FORMA – uma estrutura binominal com *um + monte + de + SN* (com slot aberto) – e SENTIDO/ FUNÇÃO – multiplicação de referentes em grande quantidade. Assim, entendemos que tal construção possui a semântica de um quantificador, com função multiplexadora (cf. TALMY, 2006), em que a expressão do falante está atrelada ao contexto de uso e consiste na sua avaliação (subjativa) de que a quantidade expressa pelo *SN* é grande.

A hipótese central que norteia a presente pesquisa é a de que a construção multiplexadora *um monte de SN* é historicamente ligada a uma outra construção de sentido mais qualitativo – mais especificamente, a uma estrutura mais composicional, em que

monte refere-se a morro, montanha, e o SP é preenchido por uma referência ao lugar onde o morro/a montanha se localiza. Nessa construção inicial, o determinante pode ser apagado e ainda não é lexicalmente especificado. É o que se pode ver nos exemplos que se seguem:

- (2) “despois que este Hercoles ouve morto o gra~de porco ennomo~te de Arcadia; e matou o touro de Oreça, que era muy bravo e muyspantavyl; e matou outrossy os treslio~o~es aas ma~a~os, o hu~u~ e~no monte Parteuno e os dous ena selva Neve;” (CRÓNICA GERAL DE ESPANHA, Séc. XIV).
- (3) “Guar-te de praguejar de homës poderosos porque t oras hehû monte de africa. Onde foy enforcado daphitasgrãmatico 4 porque dezia mal dos reys em verso” (CORPUS DO PORTUGUÊS, séc. XVI).

Nos exemplos (2) e (3), podemos perceber que “mo~te de Arcadia” e “hû monte de africa” são utilizados para informar onde o *monte* está localizado. Podemos ainda afirmar, a partir da análise dos *corpora* selecionados (*Corpus do Português, Crônica Geral de Espanha, Orto do Esposo, Nova Floresta e Monarchia Lusitana*), que se observam exemplos como o destacado acima, com o sentido de origem/posse, ou matéria (“um monte de relva”, por exemplo) em número significativo (ressalvando a escassez de dados, um obstáculo presente na análise diacrônica) até o século XIX. Esses usos qualitativos podem ser codificados na língua por uma série de construções, dentre as quais a construção binominal que estamos entendendo como de valor qualitativo, em oposição à construção binominal quantitativa (que multiplica referentes), mais recentemente construcionalizada em português, como a que se vê no próximo exemplo:

- (4) “trabalhei para várias empresas: a Publicom, que tinha a conta do McDonald, (tinha não, tem a conta do McDonald); a Angular, em São Paulo, que tinha vários clientes aqui no Rio de Janeiro (CitBank, Unibanco, Banco Itaú, enfim, tinha *um monte de empresas*)” (CORPUS DO PORTUGUÊS, séc. XX).

Ao compararmos exemplos como “hû monte de africa” com “um monte de empresas”, entendemos que:

- (a) “hû monte de africa” é uma instância da construção qualitativa (que pode ter os sentidos de origem/posse ou matéria) formalmente estruturada como [(Det)⁴[monte] de SN], cujo núcleo é *monte*;

⁴Os parênteses indicam que o determinante pode ou não estar presente.

- (b) “um monte de empresas” é uma instância da construção quantitativa (multiplexadora) formalmente estruturada como [um monte de [empresas]], cujo núcleo é empresas;
- (c) A construção qualitativa deu origem à construção quantitativa, ao longo da história do português.

Assim, pretendemos descrever a formação da construção quantificadora, focando, principalmente, na identificação das etapas do processo de mudança linguística. Traugott & Trousdale (2013) denominam como construcionalização a formação de um novo pareamento forma-sentido na rede linguística, ou seja, a entrada de uma nova construção na gramática de uma dada língua, após haver mudanças construcionais de forma e de função. Desse modo, postulamos, no presente estudo, que *um monte de SN*, em seu sentido quantificador, é produto de mudanças linguísticas na forma e no sentido (mudanças construcionais) da construção qualitativa original.

Como modo de organizar a proposta apresentada e os resultados até então obtidos, dividiremos este artigo nas seguintes partes: na segunda seção dissertaremos acerca da abordagem da Linguística Funcional Centrada no Uso; na terceira seção abordaremos a mudança linguística na perspectiva de uma gramática de construções baseada no uso; na quarta seção serão elucidadas a metodologia e análise de dados, em que falaremos sobre os parâmetros para o tratamento da mudança; e, por fim, explicitaremos outros fatores importantes para a formação da nova construção.

A perspectiva teórica da Linguística Funcional Centrada no Uso.

Este trabalho parte da perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso (cf. BARLOW & KEMMER, 2000; BOYLAND, 2013; BYBEE, 2010; DIESEL, 2015) e, portanto, pauta-se na hipótese da gramática como uma rede de pareamentos forma-sentido (como se pode ver em CROFT, 2001; GOLDBERG, 1995 e 2006, entre outros). Além disso, o trabalho prevê o tratamento da mudança linguística dentro da referida abordagem construcionista, tal como descrito em Traugott (2008); Traugott & Trousdale (2013); e Noël (2007). Acerca do tema e em conformidade com a postura teórico-metodológica adotada, tomam-se alguns trabalhos como referência, dentre os quais destacam-se

Traugott (2008); Alonso (2010); Castilho (2008); Tavares (2014); Ferreira (2015); Santos (2015); e Brodbeck (2010).

O paradigma dos Modelos Baseados no Uso defende como principal premissa o entendimento de que a capacidade humana de usar uma língua é norteadada por habilidades cognitivas gerais e, portanto, não especificamente linguísticas, tais como *chunking*, analogia, entre outros. Adotar essa postura epistemológica implica assumir categorização, entre outros. E, ainda, compreender que a experiência exerce uma função preponderante no modo como organizamos cognitivamente o nosso pensamento, e o estruturamos linguisticamente nos mais diferentes níveis: fonético, fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático.

Nesse sentido, Boyland (2013) defende que a capacidade de os falantes memorizarem múltiplas instâncias de uso associadas a contextos determinados os leva a desenvolver um conhecimento implícito de base cada vez mais rico, levando-os a formular generalizações, sem que seja necessário recorrer a regras gramaticais *a priori*. Ainda, segundo Bybee (2010) a base do funcionamento linguístico está na característica humana em formar categorias e dispô-las em diferentes domínios de conhecimento, assim como estabelecer semelhanças entre eles ou fazer analogias.

Segundo os Modelos Baseados no Uso, o comportamento linguístico está diretamente relacionado com capacidades cognitivas ligadas aos princípios de categorização, à organização conceptual e aos aspectos relacionados ao processamento linguístico. As categorizações que fazemos são, portanto, baseadas na experiência com as construções que já existem na língua, e decorrentes da nossa experiência de mundo.

Situando a linguagem dentro do contexto mais amplo do comportamento humano, Bybee (2010) descreve processos cognitivos de domínio geral – tais como *chunking*, analogia e categorização –, assumindo que os mecanismos envolvidos nesses processos moldam a gramática da língua quando são repetidamente aplicados, atuando na mudança e manutenção da estrutura linguística. Vamos nos ater, neste artigo, aos processos de *chunking* e analogia. A escolha foi feita, exclusivamente, por razões metodológicas e pelo limite de espaço. Reconhecemos, entretanto, a relação direta entre os diferentes processos de domínio geral e, sendo assim, a priorização de um ou outro processo implica necessariamente o tangenciamento dos demais na descrição do fenômeno analisado.

Chunking é um processo de domínio geral que envolve a prática na melhora de tarefas cognitivas e neuromotoras e, especificamente, na linguagem, consiste no processo

em que seqüências de palavras ou morfemas são agrupadas na cognição, e passam a ser compreendidas como uma única unidade, o *chunk*. A força dessa relação sequencial é determinada pela frequência com que as palavras aparecem juntas. Bybee (2010) considera como *chunks* todas as expressões convencionalizadas (de pré-fabricadas a idiomáticas); isto é, aquelas que foram, aos poucos, através da repetição, estabelecidas em uma comunidade de fala como apropriadas para expressar um valor, um sentido.

Acreditamos que o processo de *chunking*, que se desenrola quando duas ou mais unidades aparecem repetidamente numa mesma cadeia sintagmática, afete a construção *um monte de SN* de duas formas diferentes: de um lado, é possível considerar que com o tempo e a alta frequência de uso, *um monte de* possa ter se tornado um *chunk*, passando a funcionar como um quantificador que modifica o *SN*. Além disso, há de se considerar, em um nível mais complexo estruturalmente, que *um monte de SN* também se tornou um *chunk*, uma vez que essa seqüência sintagmática passa a ser vista como uma única unidade com a função de multiplicar os referentes expressos em *SN*. Em outras palavras, estamos defendendo que os falantes passaram a interpretar mais abstratamente *um monte de SN* como uma construção parcialmente especificada. Vejamos o exemplo a seguir:

(5) “No escuro da noite, no escuro do quarto, olhos abertos nas trevas, terrivelmente infeliz, o velho Francisco, por alcunha o Favas, debatia-se sob *um monte de ideias dolorosas* e de recordações distantes: as recordações vinham de muito, de muito longe, de quando ainda era menino;” (CORPUS DO PORTUGUÊS, séc. XX)

No exemplo (5), *ideias dolorosas* parece ser não apenas o elemento principal semanticamente, mas também o núcleo sintático da construção, enquanto *um monte de* atuaria como modificador do *SN*. Isto porque não parece ser plausível deduzir o valor de quantidade a partir de uma possível polissemia do termo *monte*; ao contrário, a proposta é a de que a construção binominal e o sentido quantitativo contribuem para a formação de *um monte de SN*. Essa conclusão implica uma postura teórica clara, em que se toma a dimensão semântico-pragmática afetando diretamente a estrutura sintática.

Analogamente ao que Croft (2001, p. 262) mostra para o inglês – comparando *a cup of coffee* e *a cup coffee*, o autor mostra que há uma relação sintático-semântica, em que na primeira construção, o núcleo é *cup* e na segunda, *coffee* – seria teoricamente possível assumirmos que, em português, em sentenças do tipo *Eu quebrei uma xícara de chá*, *xícara* é o núcleo (construção qualitativa referindo-se ao tipo de xícara) e em formações do tipo *Eu bebi uma xícara de chá*, *chá* é o núcleo (construção quantificadora,

em que *uma xícara de* é a quantidade de chá ingerida). No caso de *um monte de SN*, haveria também uma ideia de quantificação, em grande quantidade, do referente expresso por *SN* (no exemplo 5, *ideias dolorosas*). A construção objeto da presente pesquisa é, assim, uma construção formada por um modificador lexicalmente preenchido – *um monte de* – e um *SN* esquemático (um *slot* aberto), uma vez que muitos nomes podem ocorrer nesta posição sintagmática

Já com relação ao processo da analogia, Bybee (2010) o define como o processo pelo qual um novo item passa a ser usado em uma construção esquemática previamente categorizada. A autora ressalta, assim, a criatividade e a produtividade geradas na língua através de processos analógicos, uma vez que se observa a expansão de *slots* – posições esquemáticas, nas construções já existentes, que podem, então, ser ocupadas por novos itens.

Na análise dos dados⁵, observou-se que, no século XVI, nomes empilháveis começam a aparecer instanciando o slot *SN* da construção. Acreditamos que essa possibilidade se deu via extensão metafórica, em que o *SN* remete a referentes que poderiam ser empilhados em uma relação imagética com a forma de um *monte*, morro. É o que se vê no exemplo (6), a seguir.

(6) “e per um olho lançava as lágrimas e per outro vertia sangue de uia seta que lho quebrara, té que na entrada da nau foram os mouros dar com ele, onde acabou sobre o corpo de seu senhor como leal criado e especial cavaleiro, porque, primeiro que o matassem, fez *um monte de corpos mortos*, debaixo dos quais ficou enterrado o de seu senhor e ele sobre eles.” (CORPUS DO PORTUGUÊS, séc. XVI).

Nesse exemplo, *um monte de corpos mortos* parece recuperar metaforicamente a forma do *monte*, morro, já que se pode concluir, com base na descrição apresentada, que os corpos estão formando uma pilha. Postula-se que exemplos como esse, uma vez sancionados, favoreçam por inferência (*invited inference*, nos termos de TRUGOTT & DASHER, 2005) a leitura de (grande) quantidade. Assim, considerando os primeiros séculos analisados, na (ainda) construção [um [monte] de *SN*], o tipo de nome que aparece no slot do *SN* teria se submetido a um processo de expansão, na medida em que esses usos que licenciam a leitura quantitativa levariam também a uma cada vez maior

⁵ Registra-se que o número de dados encontrados em cada século é bastante escasso, o que nos leva certamente a reconhecer a relativização das afirmações feitas com base nos números apresentados. De um lado, será preciso aumentar o *corpora* em busca de novos exemplos; de outro, impõem-se as dificuldades típicas da análise diacrônica.

desvinculação entre o *SN* e a ideia de *monte* como morro, montanha. Em outras palavras, assumimos que usos não previsíveis inicialmente para instanciar a construção qualitativa provocam um desacordo [*mismatch*] (cf. Francis & Michaelis, 2005)⁶ entre forma e sentido na construção (pois geram uma inferência de quantidade que não era prevista na função da construção original) e servem de gatilho para a mudança.

Logo, com o passar do tempo, o *slot* da construção se tornou mais aberto, passando a aceitar, assim, cada vez mais, instâncias de uso dos mais diferentes tipos. O fato demonstra que houve uma reestruturação da rede gramatical, que, aparentemente originou generalizações mais ricas dessa construção, o ponto de que o aumento de usos de leitura quantitativa afetou sua estrutura, levando a um novo fatiamento sintático – o que, de acordo com os dados, é o uso mais corrente de *um monte de SN* na língua – [um monte de [sentidos] (CORPUS DO PORTUGUÊS, séc. XX).

A mudança linguística na perspectiva de uma gramática de construções baseada no uso

Para Traugott & Trousdale (2013), a mudança linguística se dá na interação entre os falantes, no uso da língua. A abordagem dos autores no tratamento da mudança é de especial interesse para a presente pesquisa, uma vez que fundamenta teoricamente a situação dos dados ao longo das sincronias observadas, a partir dos *corpora* selecionados.

Tomando a centralidade do referido estudo para o tratamento da mudança sob o viés de uma gramática de construções baseada no uso, observa-se como os autores distribuem as construções de uma língua, em termos do grau de esquematicidade que apresentam. Para tanto, tome-se a Figura 1 (Traugott & Trousdale, 2013, p. 17), a seguir:

⁶ Para as autoras, “O desacordo de conteúdo envolve alguma incongruência no mapeamento do conteúdo dos itens a partir de dois níveis de representação” (FRANCIS; MICHAELIS, 2003, p. 4, tradução nossa). No original: “Content mismatch involves an incongruous mapping in the content of items from two different levels of representation”

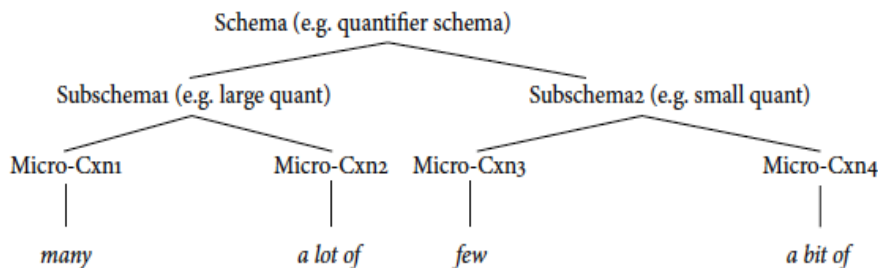


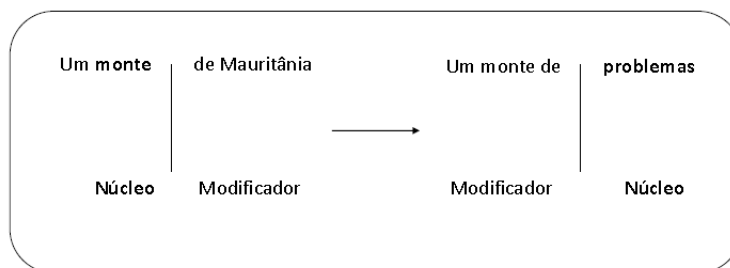
Figura 1: esquema, subesquema e microconstrução.

De acordo com a Figura 1, os autores defendem uma distribuição das construções quantitativas da língua por meio de uma configuração que implica em um esquema mais geral dos quantificadores, dividido entre quantificadores de dimensão pequena e de dimensão grande. Subordinadas a eles, encontram-se diferentes microconstruções quantitativas, as quais, por definição, correspondem ao nível construcional mais diretamente associado às instâncias de uso da língua.

A perspectiva construcional assume que a gramática de uma língua é organizada por uma rede de construções, que possui nós e ligações entre nós, a qual reflete a crença de que a mente humana é holística e de que a organização da linguagem é a mesma que de outros aspectos da cognição, de forma geral. Como os nós estão interligados, o tratamento da mudança adotado pelos autores se caracteriza de duas formas distintas: pela criação de novos nós por meio da construcionalização (formação de uma nova construção, como, ao que parece, é o caso da construção quantitativa com *monte*), ou novos *links*, oriundos de mudanças construcionais (etapas da mudança que atingem ou a forma ou o sentido de construções existentes, sem, no entanto, levar ao surgimento de uma nova construção) na rede linguística.

Em outras palavras, mudanças construcionais fazem referência às mudanças que afetam os componentes de uma construção já existente, ou na forma, ou no sentido. Mudanças construcionais podem, assim, gerar, ou não, construcionalização. Os autores definem que construcionalização se refere à criação de novas construções, ou seja, novos pareamentos de forma e sentido, ou, em outras palavras, o desenvolvimento de um novo signo. Esta construção pode ser criada por uma série de mudanças graduais – caso de *um monte de SN* – na forma e na função, ou pode ser criada por mudanças instantâneas.

Acreditamos que *um monte de SN* (com valor de quantificação) é uma construção do português, com forma e sentidos diferentes do que se observa quando a leitura é qualitativa (origem, posse etc.). É o que se vê no esquema a seguir:



Esquema 1– Mudança de Núcleo

Assim, o conceito de construcionalização parece se aplicar ao objeto estudado, pois ocorre mudança na forma, pela mudança de núcleo, e no sentido, já que um monte não significa mais formação geológica, e assim recebe uma leitura integrada dentro do *chunk* [*um monte de*], passando a se referir a “uma grande quantidade”.

Reiteramos que construcionalização é sempre antecedida por mudanças construcionais, uma sucessão de micro passos, que são responsáveis pelas mudanças que ocorrem na forma e no sentido; todavia, nem sempre essas mudanças terão como consequência uma construcionalização. Esta requer mudanças graduais em termos de esquematicidade, produtividade e composicionalidade, fatores que arquitetam as construções. Vejamos como esses parâmetros afetam a construção *um monte de SN* na próxima seção.

Metodologia e Análise de dados

Coletamos e analisamos todos os dados com a construção *um monte de SN* nos corpora consultados, a saber *Corpus do Português*, *Crônica Geral de Espanha*, *Orto do Esposo*, *Nova Floresta* e *Monarchia Lusitana*. Utilizamos como parâmetros de análise o que vem sendo usado nos trabalhos que seguem a orientação do modelo de Traugott & Trousdale (2013), a saber: esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Discutiremos, ainda, mais um parâmetro, o da analisabilidade, em que abordaremos a perspectiva de Bybee (2010) e a nova reflexão adotada em Traugott & Trousdale (2013). Mudanças graduais nesses parâmetros costumam acontecer ao se formar uma nova construção na língua.

Esquematicidade

A esquematicidade, relacionada à propriedade cognitiva de categorização, envolve a abstração das construções em categorias dispostas hierarquicamente. Para os autores, os esquemas linguísticos são abstratos, grupos de construções com uma semântica geral, lexical ou procedural (em outros termos, gramatical). Os diferentes graus de esquematicidade estão relacionados aos níveis de generalidade ou especificidade, e ao quanto a rede construcional é rica em detalhes. De acordo com esse critério, as construções podem ser substantivas, isto é, lexicalmente especificadas (com unidades lexicais fixas, sem *slot* aberto), inteiramente esquemáticas ou, como parece ser o caso da maioria das construções de uma língua, parcialmente esquemáticas.

Assim, os autores abordam três níveis construcionais para analisar a mudança na rede construcional: o nível dos esquemas (nível mais alto – mais esquemático), o dos subesquemas (nível intermediário) e o das microconstruções (nível mais baixo - menos esquemático). No caso da construção em destaque neste trabalho, podemos dizer que usos com a sequência *um monte de* seguida de um sintagma nominal foram analogicamente relacionados e compreendidos como formando um padrão. Evidenciamos este fato após a análise dos dados, ilustrados na tabela a seguir:

Tabela 1: Tipos de determinante

Tipos de Determinante	Séc. XIV	Séc. XV	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX
UM	0	0	6 (86%)	13 (100%)	9 (82%)	18 (95%)	154 (72%)
Zero	2 (40%)	0	0	0			4 (2%)
Outros	3 (60%)	5 (100%)	1 (14%)	0	2 (18%)	1 (5%)	57 (26%)
Total (Séculos)	5 (100%)	5 (100%)	7 (100%)	13 (100%)	11 (100%)	19 (100%)	215 (100%)

Entende-se que a partir do século XVI o padrão descrito acima se torna o mais frequente. Entendemos, assim, que este padrão foi abstratizado em termos de uma construção parcialmente esquemática, em que a parte *um monte de* é lexicalmente preenchida e a parte *SN* é um slot aberto. Isso significa que, a partir de usos como *um monte de crianças*, *um monte de coisas*, *um monte de suco*, entre outros, o falante reconheceu um pareamento forma-sentido e passou a entender o todo – *um monte de SN* – como uma construção do português.

Produtividade

Com relação à produtividade, os autores destacam que essa é gradiente, e citam trabalhos que relacionam o aumento da produtividade ao aumento da frequência *type* – que corresponde à quantidade de itens lexicais que um padrão pode ter/ *token* – número de vezes que uma mesma forma ocorre em um *corpus*. A construção em questão (*um monte de SN*) inicialmente permitia o uso de elementos que remetessem à origem, posse, matéria (na tabela: P.O.M.) com *monte* mantendo o sentido literal de formação geológica, ou, ainda, em seguida, permitia *SNs* que pudessem ser amontoados, empilhados, a partir de uma relação metafórica (indicada na tabela por METAF.) com a forma do monte. Quando, no século XX, essa cadeia sintagmática já parece estar construcionalizada, um número maior de dados se refere a uma relação de multiplicação de referentes (na tabela, MULT.)

A tabela a seguir mostra como se distribuem os tipos de *SN* em relação ao total de usos da construção em foco em cada século analisado.

Tabela 2: Tipos de SN

Tipos de SN	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX
P.O.M.	2 (34%)	12 (92%)	7 (78%)	7 (39%)	26 (15%)
METAF.	3 (50%)	1 (8%)	2 (22%)	9 (50%)	31 (18%)

MULT.	1 (16%)	0	0	2 (11%)	116 (67%)
Total (Séculos)	6 (100%)	13 (100%)	9 (100%)	18 (100%)	173 (100%)

A partir da análise dos dados, pôde-se observar que já no século XVI possuímos usos considerados mais periféricos da construção, 3 (50%) dados em METAF., e 1 (16%) dado em MULT. A partir do século XIX, percebe-se que os dados de usos periféricos (METAF. E MULT.) se tornam mais significativos. Levando em conta a necessidade de ampliação dos dados, assim como a dificuldade de uma análise diacrônica, concluímos, de modo preliminar, que há relevância no aumento de dados de usos mais periféricos da construção, que proporcionaram, ao longo desse período, uma ampliação dos tipos de SN que podem instanciar a construção. Aparentemente, apenas no século XX ocorre o estabelecimento da construcionalização de uma microconstrução quantitativa do tipo *um monte de SN*, com a maior parte dos dados referindo-se a exemplos de itens não empilháveis e multiplicados por *um monte de*.

Vejamos alguns exemplos que ilustram o que nos diz a tabela:

(7)“isto hesuaue& gostoso. Dir-se-a d as cousas de que gostarmos. Porque hymetosfoy *hum montede athenas*. Onde auia o melhor mel do mundo” (CORPUS DO PORTUGUÊS, séc. XVI)

(8) “E destas aues dam de comer aos escrauos em Arguym e assy a qualquer outra gente que quizerem escolher as aues mais saborosas dellas que as comem tres nem 4 homens nom ousam de entrar porque as aues pelejam rijamente tem seus nidos como a pedres perto hûu do outro e antre elles hûu camjnho que os velhos passam e a cada njnho *hûu monte de peixe*” (CORPUS DO PORTUGUÊS, séc. XVI)

Pelo contexto envolvido no uso desta construção, *um monte de peixe*, parece se tratar de um daqueles casos em que o item está empilhado, disposto em uma pilha. Usos, como esse, periféricos em relação aos usos mais tipicamente qualitativos (posse; origem; matéria) podem ter levado à inferência de quantidade, com conseqüente aumento da classe hospedeira da construção (BYBEE, 2010), que passou a sancionar exemplos cada vez mais distantes dos exemplos qualitativos que remetiam à posse ou origem, e, que,

inclusive, não poderiam mais ser empilhados, como vemos abaixo, em *um monte de boas intenções*.

(9) “Mas que resta hoje de estes sonhos? *Um monte de boas intenções* abandonadas junto de os caixotes de lixo de as cafetarias em dólares, jovens e velhos vasculham, ou pisadas por os saltos-agulha de as centenas de jineteras prostitutas de o Malecón e de a Quinta Avenida.” (CORPUS DO PORTUGUÊS, séc. XX).

Composicionalidade

A composicionalidade, diferentemente dos demais fatores, sofre diminuição no processo de construcionalização. Este fator diz respeito ao significado da construção como um todo estar mais ou menos relacionado ao significado de suas partes, sendo também um fator gradiente. Dessa forma, o nível de composicionalidade de uma construção pode ser maior ou menor, indicando se seu significado total atingiu autonomia, ou se ainda pode ser depreendido pelo significado de suas partes. No caso analisado, acreditamos que se tenha seguido a seguinte trajetória⁷:

Sentido de posse, origem, matéria >
elementos empilháveis (e inferência de quantidade) >
sentido quantitativo

Essa trajetória procura resumir o que viemos falando sobre a mudança nos usos da construção *um monte de SN*, com valor qualitativo, até os usos (*SNs*) cada vez mais distantes da ideia de morro, montanha, como “*monte de sangue*” (CORPUS DO PORTUGUÊS, século XX). Assim, passam a ser comuns os usos como o que se segue, que parecem demonstrar a falta de transparência, para o falante, da ideia de monte como formação geológica, quando instanciando uma construção binominal do tipo da estudada neste trabalho.

(10) “Compreendo-te... ter essa imensidão de natureza a a disposição e não poder usufruir como deve ser --eu sozinho tb não me aventuro (muito) pq uma pessoa perder-se é muito fácil --tenho *um monte de montes* (gostas-te de a chalaça?) aqui em a minha zona, com montes (lá está ele outra vez) de trilhos por explorar por o mesmo motivo” (CORPUS DO PORTUGUÊS: WEB/DIALETOS).

⁷ Será preciso, posteriormente, avaliar mais detalhadamente as categorias estabelecidas (posse, origem, material, nomes empilháveis etc.) para dar conta, de forma mais rica, da graduação da composicionalidade nos usos da construção – o que deverá ser tratado separadamente, em outro artigo.

No exemplo acima, a construção *um monte de montes* parece evidenciar perda de composicionalidade da construção *um monte de SN* com sentido de quantidade, visto que, não entendemos *um monte* com o sentido literal do substantivo, a ponto de usarmos novamente a palavra *monte*.

Analísabilidade

Bybee (2010) apresenta os conceitos de analisabilidade e composicionalidade, baseando-se em Langacker (1987), que postula: (i) a analisabilidade, como o reconhecimento das partes em um todo e as suas contribuições à conceptualização composta; (ii) a composicionalidade, como uma medida semântica, e ao grau de previsibilidade do sentido do todo a partir do sentido das partes que o compõem. Uma construção pode ser idiomática (não composicional), ou seja, não ser mais possível entender a soma dos significados das palavras, e sim o sentido do todo. Para a autora, analisabilidade e composicionalidade devem ser tratadas diferentemente, porque é possível que uma construção seja idiomática, e, ainda assim, ser possível reconhecer as palavras componentes da construção, além dos seus significado e da relação entre elas.

Traugott & Trousdale (2013) definem que, de um ponto de vista construcional, a composicionalidade pode ser explicada por acordo ou desacordo (Francis & Michaelis, 2003) entre aspectos da forma e do sentido. Já a analisabilidade é tratada pelos autores como um critério para avaliação da composicionalidade e, segundo eles, não deveria ser tratada como uma categoria diferente. Assim, elementos intervenientes na construção, por exemplo, indicam que ainda é possível analisar suas partes, o que, em alguma medida, pode ser uma forma de avaliar o quanto o falante interpreta, ou não, a sequência sintagmática como um todo.

Prestemos atenção no exemplo a seguir:

(11) “Isso nos deu a ideia de usar uma batata como eletrólito. Afinal uma batata doce tem *um monte de suco* que pode servir o nosso propósito como eletrólito.” (CORPUS DO PORTUGUÊS: WEB/DIALETOS).

Neste exemplo, é possível perceber que se trata de um uso menos composicional, entendemos que a construção tem um baixo nível de analisabilidade, tendo em vista que, encontramos nos *corpora* analisados apenas 3 dados com elementos intervenientes, localizados entre o *determinante* e *monte* (a saber, respectivamente: *um só monte de*

entulho, um grosso monte de papeis, um infíndável monte de problemas) Todos estes dados foram encontrados no século XX. Há de se observar, entretanto, que nos séculos XIX e XX aparece na busca do *Corpus do Português* a forma *montão*, figurando em *um monte de N*. Estes dados são interessantes, pois, de um lado, a forma *montão* parece mostrar algum grau de analisabilidade em relação a *monte*, já que remete a uma alteração – atribuição de grau – à forma *monte*; de outro, essa atribuição de grau aumentativo se aplica muito comumente aos quantificadores (“montão”, “pocão”, “muitão”, “litirão”). Neste caso, assim, *montão* atuaria sobre a ideia de quantidade e não ao *monte/morro* em si.

Sobre o exemplo acima, acrescentamos ainda, que não parece plausível o entendimento de que uma formação geológica rígida como *monte* seja compatível com um referente de natureza líquida – logo, a construção é interpretada como um todo. Desta forma, acredita-se que os casos em que *um monte de* atua como modificador do *SN* e expressa a ideia de multiplicação de referentes que apresentam composicionalidade baixa, em relação aos casos de leitura qualitativa (posse, origem, matéria), em que se interpretam as partes individuais da construção: determinante + *monte* (*morro, montanha*) + *de* + *SN* (estabelecendo ideia de posse, origem, matéria etc.).

Outros fatores importantes para a formação da nova construção

Percebemos nos dados algumas outras características que podem ter sido cruciais para o recrutamento de *monte* para uma construção quantitativa. Discutiremos sobre estas questões a seguir.

O *monte* como formador de novas construções

Se verificarmos um dicionário brasileiro atual de língua portuguesa encontraremos a definição de *monte* como pequena elevação de terra, ou do solo. Sabemos que o relevo de Portugal é composto por cadeias montanhosas e serras, principalmente na região Norte do país. No entanto, boa parte deste relevo se caracteriza

por áreas de baixa altitude, abaixo dos 400 metros, o que podemos chamar, então, de *montes*, o que parece ser um fato importante para este trabalho.

A palavra *monte* se mostrou muito frequente no *corpus*. Foram encontradas mais de 2000 ocorrências (distribuídas em diferentes construções da língua) só até o século XVII. Acreditamos, assim, ser possível atribuir essa frequência a uma certa relevância cultural de *monte* para o cidadão português.

Devido à grande quantidade de *montes* presentes na geografia portuguesa, este elemento é inegavelmente muito usado na língua. O dicionário Morais e Silva, que data o início do século XIX, apresenta inúmeras construções com *monte*, como por exemplo *montes de dificuldades*, que significa *grandes quantidades*; *cheirar a monte*, que se dizia sobre o mau cheiro característico dos animais mortos nas caçadas, ou *vão os escândalos de monte a monte*, definido pelo dicionário como muitos escândalos etc. É interessante perceber que a semântica de quantidade estava disponível em diferentes construções com a palavra *monte*, além da que estudamos neste trabalho. Vejamos alguns exemplos encontrados nos nossos dados que demonstram a frequência deste item:

(12) “[b_003_s_976] Que farei?

[b_003_s_977] (dizia, flutuando na tormenta ou tormento de sua inquieta consciência).

[b_003_s_978] Se não restituo, vou-me a pique ao inferno; se restituo, ficam meus filhos e mulher pobres e desamparados.

[b_003_s_979] Entretanto, o sol da inteligência se ia retirando ao ocaso, e as sombras da tentação caíam maiores desde os altos *montes* destas imaginadas dificuldades.” (NOVA FLORESTA, Séc. XVIII).

(13) “Vede como seria bem emendado o desconcerto, curando-se a inocência do relógio e ficando em seu ponto a poltronaria do sineiro! Relógio da Aldea. Grande caso! Agora digo que nao somos os aldeoes os mais mofinos, vivendo em perene desterro das cortes e cidades, se nelas vai tanto de *monte a monte* a malícia! Relógio da Cidade. Bem pareceis boçal. Pois, se vos eu contara outro segredo, ficáreis frio.” (CORPUS DO PORTUGUÊS, séc. XVII).

Acreditamos que o recrutamento deste elemento para mais uma construção foi natural: por já ser produtivo, seu uso nos mais diferentes contextos impulsionou a possibilidade de novas formações e de associação à função quantificadora. Ainda, algumas características do item *monte* podem ter sido essenciais para o recrutamento deste item em uma construção com sentido de grande quantidade. Lakoff & Johnson

(1980) propõem que grande parte do sistema conceptual é estruturado por meio de metáforas, ou seja, que conceitos são construídos a partir de outros conceitos. Desta forma, entendemos PARA CIMA a partir da nossa experiência corporal, visto que, possuímos uma posição ereta em relação ao campo gravitacional. Os autores postulam que MAIS É PARA CIMA e MENOS É PARA BAIXO, e que a base física para este fato é que se acrescentarmos uma quantidade de objetos físicos em uma pilha, ou em um recipiente, o nível do mesmo irá subir (cf. LAKOFF & JOHNSON, 1980).

Levando em conta os usos de elementos empilháveis instanciando *SN* na construção estudada, conforme demonstrado anteriormente, é possível dizer que esses casos já possibilitavam uma inferência que nos levasse a pensar em quantidade, já que alta elevação leva à ideia de mais, muito. Logo, elementos do mundo físico que possuam certa elevação vertical podem ser recrutados para construções quantificadoras, por servirem de gatilho para a inferência de quantidade. Acrescentando-se o fato de que a palavra *monte* era produtiva – e figurava em diferentes construções portuguesas – e culturalmente relevante para aquelas pessoas, aposta-se em um conjunto de fatores bastante propícios para o estabelecimento de *um monte de SN* como construção alternativa de pluralizar elementos no português.

Considerações finais

Realizamos, com base nos conhecimentos da LFCU, uma análise da formação da construção quantificadora *um monte de SN* ao longo da história do português. Com o objetivo de fazer uma análise que levasse em conta fatores ligados à forma e fatores ligados à função, observamos a esquematicidade, a produtividade, e o grau de composicionalidade da construção.

Trabalhos acerca da mudança linguística demonstram que há fatores cognitivos que motivam a mudança, e que é no uso linguístico que novos padrões surgem, como aconteceu com a construção aqui estudada, em que processos como *chunking* e analogia, junto com a força da alta frequência da palavra *monte* e inferências induzidas pelo contexto linguístico foram desencadeadores da mudança da construção com sentido qualitativo – em que o SP presente na construção *um monte [SP]* designava significados como origem, posse etc – para a construção quantitativa – uma construção multiplicadora

de referentes, que reflete o sentido de uma grande quantidade – esta, mais recente na língua portuguesa.

Referências

ALONSO, K. S. B. CONSTRUÇÕES BINOMINAIS QUANTITATIVAS E CONSTRUÇÃO DE MODIFICAÇÃO DE GRAU: uma abordagem baseada no uso. *Tese de doutorado em Linguística*, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

BARLOW, M.; KEMMER, S. (Org.). *Usage based models of language*. Stanford, California: CSLI Publications, 2000.

BOYLAND, J. T. *Usage-based models of language*. In: *Experimental and Quantitative Linguistics*, David Eddington (ed.), 351–419. Munich: Lincom, 2009.

BRODBECK, R. C. M. S. Um monte de problemas gera uma chuva de respostas: um estudo de caso de desencontro na quantificação nominal em português. 2010. *Tese de Doutorado em Linguística*, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

_____. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

CASTILHO, C. M. M. Quantificadores Indefinidos. In: CASTILHO, A. T., ILARI, R., MOURA NEVES, M. H. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

CEZARIO, M. M.; FURTADO, M. A. *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad-X, 2013.

CROFT, W. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DIESSEL, H. Usage-based construction grammar. In: Dabrowska, E.; DIVJAK, D. (eds.), *Handbook of Cognitive Linguistics*, 295-321. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015.

FERREIRA, V. G. As construções binominais no Constructicon do português do Brasil. *Dissertação de Mestrado em Linguística*, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015.

FRANCIS, E. J., MICHAELIS, L. A. (Org.). *Mismatch: form-function incongruity and the architecture of grammar*. Stanford, CA: CSLI Publications, 2003.

GOLDBERG, A. E. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

LAKOFF, G., JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago/London: University of Chicago Press, 1980.

_____. *Woman, fire and dangerous things*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso*. Rio de Janeiro: Cortez, 2011.

NOËL, D. *Diachronic construction grammar vs. Grammaticalization theory*. 2006. Disponível em: <<http://hub.hku.hk/handle/123456789/38694>>. Acesso em: 10 jul. 2007.

SANTOS, C. P. M. *GRAMÁTICA E COGNIÇÃO: um estudo de construções binominais*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: 2014.

TALMY, L. Grammatical construal: the relation of grammar to cognition. In: GEER-AERTS, D. (Org.). *Cognitive Linguistics: Basic Readings*. Berlin/Nova York: Mouton de Gruyter, 2006.

TAVARES, T. As Construções Binominais de Quantificação Indefinida: uma análise construcionista. In: *Litteris*, n. 4. Setembro, 2014.

TOMASELLO, M. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TRAUGOTT, E. C. The concepts of constructional mismatch and type-shifting from the perspective of grammaticalization. *Cognitive linguistics*, Berlin/New York: Mouton de Gruyter, v. 18, n. 4, p. 523-557, 2007.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER G.; VEENSTRA, T. (Eds.). *Variation, Selection, Development-Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 219-250.

TRAUGOTT, E. C., DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, E. C. & TROUSDALE, G. G. *Constructionalization and Constructional Change*. Oxford University Press: Oxford, 2013.